

Os índios e nós. Orientação para o professor

Objetivos do trabalho com tema e de suas respectivas atividades:

A atividade, de caráter bastante introdutório, propõe uma análise das formas de vida dos índios no período colonial, contrapondo-as às práticas das sociedades atuais. Além disso, procura mostrar as diferentes imagens adquiridas pelos índios ao longo tempo.

Dicas:

Procure desmistificar a imagem do índio com “bom selvagem”, vítima da colonização portuguesa, muitas vezes recorrente na historiografia brasileira. Essa imagem, aliás, faz-se muito presente na mídia, sobretudo nas novelas de televisão, que apresentam os índios do Brasil de uma forma unívoca e estereotipada, de que é exemplo a personagem Serena, mestiça de índio, na novela “Alma Gêmea”, da Rede Globo (em 2005-6).

Lembre-se que, ao trabalhar com música, todos os aspectos são fundamentais, não apenas a letra. Chame a atenção dos alunos para aspectos como o acompanhamento e o contexto da produção, por exemplo.

Traga, para a sala de aula, notícias sobre os conflitos atuais, por exemplo, a Guerra do Iraque, a fim de desenvolver a discussão sobre as relações entre as guerras indígenas e atuais.

O trabalho pode ser relacionado a outros temas como *Os indígenas no Brasil e Das bandeiras ao século do ouro em Minas Gerais*.

O filme *Hans Staden*, de Luís Alberto Pereira (ou trechos dele), pode ser exibido em sala para complementar a discussão. O filme é uma reconstituição primorosa do modo de vida Tupinambá, sendo bastante fiel aos estudos dos historiadores e antropólogos. Afasta-se, às vezes, da narrativa de *Duas Viagens ao Brasil*, de Hans Staden, sobretudo no que se refere aos preconceitos (ocultos e explícitos) e às aventuras da personagem. O professor, todavia, não pode perder de vista que filme é cinema, não é história nem antropologia e, como arte que é, tem liberdade de criar, de efabular, mesmo porque seu propósito básico é o entretenimento. Logo, o filme não deve ser usado para “ilustrar a aula”. Nesse sentido, cabe associar o filme com sua história de produção e exibição, com as afirmações de seu diretor e a recepção da crítica e, por fim, com o contexto. Produzido em 1999, foi lançado no ano 2000, momento em que se comemoravam os 500 anos da Descoberta do Brasil. Luís Alberto Pereira negou que tivesse essa comemoração em vista, mas várias passagens do filme em que o mesmo se distancia da narrativa da obra de Staden sugerem que o diretor procurou fazer um balanço crítico da colonização européia. Em relação a essas passagens, cabe destacar a inserção do escravo negro (que não aparece no filme), da lara (ao que tudo indica,

inspirada na versão infantil da obra de Staden escrita por Monteiro Lobato) e dos comentários finais sobre o que sucedeu aos Tupinambás (doença, guerra e extermínio).

Músicas: A primeira música “Volte para o seu lar” apresenta um índio que não deseja sofrer a influência dos costumes europeus. (Índio que resiste ao processo de incorporação portuguesa)

A segunda música “Baila comigo” descreve o desejo de alguém de se tornar índio e viver sossegadamente (visão idealizada do índio).

Já a terceira música “Índios” relata o que ocorreu com os índios depois do “contato” com os portugueses.

Os alunos devem perceber a existência de várias visões relativas aos índios. Alguns os vêem como pessoas que resistem à dominação, outros como seres que vivem tranquilos, sem preocupações. Existem ainda pessoas que os enxergam como uma população que sofreu muito depois do contato com o homem branco.

As três músicas apresentadas têm o intuito de demonstrar essa pluralidade de visões e prestam-se a suscitar o debate e a iniciar um estudo sobre os indígenas no passado colonial.

Casas: O aluno deve perceber que, nas malocas, não existem paredes com nas casas atuais e que lá vivem muitas famílias separadas apenas pelo fogo. Nas habitações indígenas não existem portas nem fechos, diferentemente das casas atuais.

O aluno deve ser levado a pensar nas favelas atuais, onde várias pessoas dividem o mesmo quarto. Além disso, em muitos barracos, não existe separação entre cozinha e o local onde as pessoas dormem. Porém, a maioria dos barracos abriga uma só família o que os difere das habitações indígenas.

Guerras: O aluno deve perceber:

a) que o prisioneiro não teme a morte, ele sente-se honrado em morrer no estômago do inimigo. Um dos trechos do documento que mostra essa idéia é: “os prisioneiros julgam-se felizes por morrerem assim publicamente no meio de seus inimigos, não revelando nunca o mínimo pesar (...)”

b) que o motivo que leva os índios a executarem o inimigo é o sentimento de vingança.

c) que os índios não comem os seus inimigos para saciar a fome. Eles devoram o inimigo para vingar os seus que já foram mortos pela tribo inimiga. “Mas não comem a carne, como poderíamos pensar, por simples gulodice, pois embora confessem ser a carne humana saborosíssima, seu principal intuito é causar temor aos inimigos. (...)”

d) que a guerra indígena é diferente da guerra atual. Enquanto os índios guerreiam com o intuito de manter a honra e vingar-se do inimigo, os homens atuais guerreiam para adquirir riquezas, terras, além de desejarem arruinar os povos inimigos.